

# **Relatos Introspectivos: uma imersão na agridoce memória da experiência de imigração.**

Kleber Soares da Silva  
Mestrando em Estudos de Fronteiras – Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)  
*[klebersoares@unifap.br]*

## **RESUMO**

Este trabalho analisa a memória da experiência migratória de um interlocutor brasileiro que percorreu rotas transfronteiriças entre o Amapá, o Platô das Guianas e a Europa, em um período marcado por expectativas econômicas e enfrentamentos sociais. A abordagem metodológica fundamenta-se na etnobiografia e em entrevistas abertas, mediante observância rigorosa de protocolos éticos, devido ao relato de episódios envolvendo migração irregular e economia subterrânea. A memória é compreendida como campo de tensão que envolve lembranças, silenciamentos e reelaborações subjetivas sobre precariedade, estigmatização e resistência simbólica. O estudo contribui para uma reflexão ampliada sobre a circulação de brasileiros no Platô das Guianas, visibilizando trajetórias e experiências pouco reconhecidas pelas políticas públicas e pela sociedade brasileira.

Palavras-chave: MEMÓRIA, IMIGRAÇÃO, ETNOBIOGRAFIA.

## **INTRODUÇÃO**

As mobilidades internacionais envolvendo brasileiros no Norte do país resultam de condições históricas, econômicas e culturais que transformaram a região do Platô das Guianas em espaço privilegiado de circulação laboral desde o século XX. A proximidade geográfica com fronteiras porosas e a existência de redes transnacionais de apoio favorecem deslocamentos marcados por ambivalências: esperança de melhoria de vida e exposição a situações de violência e exploração. No entanto, esses movimentos permanecem invisibilizados pelas estatísticas oficiais e frequentemente associados a criminalidade e ilegalidade. O trabalho que apresento tem por objetivo entender, a partir das memórias do próprio interlocutor da pesquisa, as suas trajetórias de imigração. O que se pretende capturar, portanto, são fragmentos do processo pela ótica particular dele. Para isso tomamos como colaborador um indivíduo que em determinado ponto de sua vida viu-se imenso na jornada migratória que começou no norte do Amapá, na cidade de Oiapoque, e estendeu-se pela região do Platô das Guianas, culminando com ida a

Europa e retorno. Essa história é, como sugere o título, agridoce, pois não foi permeada apenas de situações plausíveis do ponto de vista social.

Ao explorar experiências pessoais do interlocutor da pesquisa, pretendo mergulhar em sua história de vida, extraíndo uma visão detalhada e íntima de sua jornada. Essa abordagem me auxilia não apenas no entendimento de eventos e circunstâncias externas que moldaram sua vida, mas também os conflitos, desafios e emoções pessoais diversas que se deparou ao longo do caminho. Minha intenção é adentrar em narrativas detalhadas: motivações para imigrar, as circunstâncias que o levou a deixar seu país de origem, as esperanças e expectativas que tinha em relação ao novo país e a realidade que encontrou ao chegar lá. Este estudo busca compreender como essa experiência migratória é rememoradas e como a narrativa funciona como espaço de disputa simbólica sobre pertencimento e dignidade.

## **DESENVOLVIMENTO**

A pesquisa focaliza especificamente a trajetória de um homem amapaense que deixou o Brasil no início dos anos 2000 movido por conflitos familiares, ausência de perspectivas econômicas e desejo de reconhecimento social. A travessia para a Guiana Francesa e, posteriormente, para o Suriname e a Europa implicou a inserção em atividades informalizadas e uma convivência permanente com a ameaça de deportação.

### **Metodologia e percurso da pesquisa**

Me sirvo, a priori, do pensamento do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira e suas reflexões sobre a pesquisa de campo para iniciar. No livro: “O trabalho do antropólogo”, (1998) o autor destaca que o ver, ouvir, escrever são partes indissociáveis desse trabalho. A abordagem proposta por ele enfatiza a importância da observação direta, da escuta atenta e da escrita reflexiva na prática etnográfica. Ou, como ele assevera, são “três etapas — de apreensão dos fenômenos sociais. Capacidades de compreensão sociocultural que, a meu ver, são intrínsecas ao conhecimento nas ciências sociais” (Cardoso de Oliveira, 1998, p.18). A abordagem proposta ressalta, então, a importância de o antropólogo mergulhar profundamente no campo de estudo, buscando compreender as complexidades da vida social e cultural por meio da imersão ativa e da participação efetiva. Cardoso de Oliveira nos diz que:

“esse esquema conceitual, disciplinadamente apreendido durante o nosso itinerário acadêmico (daí o termo disciplina para as matérias que estudamos), funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração - se me é permitida a imagem. É certo que isso não é exclusivo do Olhar, uma vez que está presente em todo processo de conhecimento, envolvendo, portanto, todos aqueles atos cognitivos [...]”. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 16).

Em seguida, Cardoso de Oliveira propõe outro exercício nesse tripé: o Ouvir. A combinação entre o olhar e a escuta pode impulsionar o pesquisador em suas descobertas, ou até mesmo levantar mais questões. No entanto, nos alerta, é importante ressaltar que o ato de ouvir não deve ser considerado passivo por parte do entrevistador em uma pesquisa empírica. Enquanto o olhar e a escuta não são inseparáveis, pois ouvir não implica necessariamente em passividade, juntos, esses aspectos ampliam significativamente a compreensão de um fenômeno científico, melhorando assim a condução da pesquisa. Então reflete sobre:

Penso que esse questionamento começa com a pergunta sobre qual a natureza da relação entre entrevistador e entrevistado. [...] No ato de ouvir o "informante", o etnólogo exerce um "poder" extraordinário sobre o mesmo, ainda que ele pretenda se posicionar como sendo o observador mais neutro possível, como quer o objetivismo mais radical [...]. Faz com que os horizontes semânticos em confronto - o do pesquisador e o do nativo - se abram um ao outro, de maneira a transformar um tal "confronto" num verdadeiro "encontro etnográfico". Cria um espaço semântico partilhado por ambos os interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela "fusão de horizontes" [...], desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando um diálogo teoricamente de "iguais", sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso [...]. O Ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 21).

Nestes termos, diante da característica da pesquisa (ancorada na memória individual do interlocutor), a capacidade dessa interação dialógica, sem dúvida, proporciona uma vantagem significativa diante dos desafios, em contraste com o que poderíamos chamar metaforicamente de um "encontro etnográfico". Esse confronto é parte inevitável e desafiadora do processo de pesquisa de campo em antropologia, que requer habilidades de adaptação, empatia, respeito cultural e ética por parte do pesquisador. O ato de ouvir, junto com a observação, surge como ferramentas ideais para enfrentar as dificuldades na busca por respostas. Em seguida, o processo de escrita, considerado por Cardoso de Oliveira como o estágio final e possivelmente o mais

crítico para o pesquisador, ao demandar uma análise minuciosa para transcrever suas observações e conclusões.

Outro instrumento teórico importante utilizado na pesquisa será a etnobiografia que emerge como um componente central de nossa abordagem metodológica. Essa forma de pesquisa qualitativa que combina o interesse interpretativo pela cultura e o interesse biográfico em experiências de vida pessoal. Portanto, elementos primordiais na pesquisa que cogito expor. A intenção é mergulhar nas histórias de vida dos participantes, na busca por compreender como suas experiências individuais foram moldadas e moldaram as dinâmicas culturais ao seu redor. A abordagem crítica das noções de indivíduo e sociedade pela antropologia tem conduzido ao desenvolvimento de novos conceitos que buscam compreender as interações entre a razão cultural, a construção de personagens etnográficos e os sujeitos subjetivados. Ao invés de apenas retratar as culturas como entidades homogêneas, a perspectiva etnobiográfica estima em seu seio a complexidade das experiências humanas e a diversidade das formas de ser e agir em diferentes contextos sociais. No artigo Etnobiografia: Um esboço de um conceito, os autores esclarecem que:

O conceito de etnobiografia propõe, necessariamente, uma problematização dos conceitos-chave do pensamento sociológico clássico – como o individual e o coletivo, o sujeito e a cultura – ao abrir espaço para a individualidade ou a imaginação pessoal criativa. O indivíduo passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, pois é justamente através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura. (GONÇALVES, Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, V NIA, p.02).

### **Resultados preliminares da análise**

A experiência migratória analisada não é compreendida pelo interlocutor como desvio, mas como caminho legítimo de luta por sobrevivência e dignidade. O retorno ao Brasil não é elaborado como fracasso, e sim como etapa de reorganização subjetiva frente a perdas e aprendizados impostos pelo deslocamento. As memórias expressam simultaneamente orgulho e dor, configurando a migração como acontecimento definidor da própria existência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A exploração de recursos naturais, falta de oportunidades no Brasil e a desvalorização da moeda nacional foram, e continuam a ser, as maiores motivações da imigração de brasileiros para países do norte da América do Sul. O imaginário do enriquecimento rápido ainda atrai muitos para garimpos da Guiana Francesa, Suriname e Guiana. Isso aliado a falta de oportunidades de emprego, crises econômicas e políticas, e a desvalorização do real frente ao euro criam condições que impulsionaram e impulsionam esse trânsito na região. Portanto, a migração de brasileiros nessa região é um fenômeno complexo, impulsionado por uma combinação fatores econômicos, sociais e políticos que levam a uma migração em busca de oportunidades em um ambiente potencialmente gratificante, mas desafiador. A narrativa produzida no estudo revela uma territorialidade ampliada que extrapola limites geopolíticos, constituindo a fronteira como espaço simbólico de disputa por humanidade e justiça social.

## **REFERÊNCIAS**

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R Desvendando Evidências Simbólicas: compreensão e conteúdo emancipatório da Antropologia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

Etnobiografia: Subjetivação e etnografia (Marco Antonio Gonçalves · Roberto Marques · Vânia Z. Cardoso). Editora 7Letras

Etnobiografia: Esboços de um conceito. En: Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro.